

FAB traz partes do foguete espacial

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Um avião de transporte da FAB chega hoje a Chicago para recolher carcaças de aço de sete foguetes do programa espacial brasileiro, que, por pouco, não tiraram o novo diálogo entre Brasília e Washington de órbita, nas últimas semanas. As peças, que foram enviadas aos EUA em maio para passar por um tratamento térmico de recozimento previamente autorizado, acabaram embargadas pelo Serviço da Alfândega depois que funcionários da área de segurança do governo detectaram sua presença na firma Lindberg Engineering, em Chicago, e argumentaram que o serviço prestado constituía uma violação da política de não proliferação de tecnologia de mísseis dos EUA. Elas serão transportadas para São José dos Campos no voo mensal regular que a FAB faz aos EUA para recolher peças de reposição e outros equipamentos que compra através da Comissão Aeronáutica Brasileira, em Washington.

Duas semanas depois da invasão do Kuwait pelo Iraque, o Centro Tecnológico Aeroespacial, revelou o caso publicamente. A confirmação do embargo provocou dura reação do presidente Fernando Collor. Em Washington, o caso desencadeou tensa disputa en-

tre o Pentágono e o Departamento de Estado.

PRESSÕES

Com as aventuras do brigadeiro Hugo Piva no Iraque já nos jornais, as relações passadas do Brasil com o governo de Saddam Hussein passaram a funcionar como forte argumento para não devolver as peças. Empenhado em proteger os ganhos recentes na qualidade das relações com o Brasil e, ao mesmo tempo, estimular o presidente Collor a separar-se das políticas de exportação de armas dos governos anteriores, o Departamento de Estado acabou prevalecendo. Duas semanas atrás, a notícia da liberação das carcaças, publicada pelo *The New York Times* provocou uma nova rodada de pressões.

O desfecho do episódio não parece ter causado maiores danos. Mas não provocou, tampouco, mudança de atitude americana em relação ao programa brasileiro de desenvolvimento de mísseis. "A licença para o tratamento dessas peças nunca teria sido concedida se o pedido não tivesse sido processado da forma apropriada", afirmou ontem ao Estado um funcionário americano familiarizado com o caso. "Depois que o problema foi criado, creio que conseguimos dar a melhor solução".

O funcionário notou que ini-

ciativas como a que o presidente tomou esta semana, de colocar "uma pá de cal" no enorme buraco que a FAB abriu num campo de testes na Serra do Caximbo, é o tipo de "medida de construção de confiança que os EUA querem ver".

Seth Carus, analista de assuntos militares do Naval War College, disse ao Estado que a controvérsia gerada pelos componentes dos foguetes do CTA não refletem, a rigor, o grau de preocupação atual de Washington com o programa espacial brasileiro. "Dois anos atrás, o Brasil era prioridade na execução da política de controle de tecnologia de mísseis", disse ele. "Mas depois que a Órbita quebrou e a Avibrás passou a enfrentar dificuldades, a preocupação perdeu intensidade".

A relatividade do debate sobre o programa brasileiro de desenvolvimento de mísseis nos EUA ficou plenamente ilustrado por uma reportagem da Cable News Network sobre o caráter defensivo da mobilização das forças de vários países árabes na Arábia Saudita. Para provar a tese, a reportagem mostrou algumas baterias de mísseis Astros apontados contra as forças de Saddam Hussein e montados em caminhões que, da posição em que estavam, alcançariam, no máximo, a fronteira da Arábia Saudita com o Iraque.